

Funaro reitera atitude de firmeza frente ao FMI

Foto de Juan Carlos Gomez

BRASÍLIA — O ex-Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, condenou ontem qualquer mudança na postura do Governo brasileiro frente aos credores da dívida externa do País que implique submissão aos programas econômicos recessivos ditados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Em tom emocionado, no seu primeiro pronunciamento público



Fernando Henrique, Funaro e Chiarelli, no Senado

depois que transferiu o cargo, Funaro pregou, em depoimento à Comissão Especial do Senado Federal sobre a dívida externa, a manutenção do crescimento econômico brasileiro, com a ampliação da capacidade de importação do País.

— O caminho da sustentação do crescimento está aberto, desde que a Nação brasileira discuta a dívida sem o medo atávico de submeter-se a monitoramentos que não nos beneficiam — resumi o ex-ministro.

Funaro reafirmou sua convicção de que a renegociação da dívida externa é um processo “político e não técnico”. Durante seu longo depoimento à Comissão Especial — três horas ininterruptas — ele buscou sempre lançar a questão do endividamento para um contexto histórico, identificando como o ponto principal das discussões, nesse momento, o próprio futuro da nação brasileira. Das definições de hoje dependerá, segundo ele, o grau de modernização da economia brasileira nos próximos

anos, o que vale dizer, explicou, da própria capacidade de competição da economia do País.

Funaro condenou veladamente as alternativas de dar competitividade ao País no mercado externo através de mecanismos de subsídios às exportações ou desvalorizações cambiais — como acaba de fazer o seu sucessor no cargo, Luiz Carlos Bresser Pereira, que Funaro não citou explicitamente. O ex-ministro considera que jogou por terra, durante sua gestão na Fazenda, mitos arraigados, como as retaliações à declaração de moratória.

A sua avaliação sobre a capacidade de o País manter um nível de reservas internacionais adequado, mesmo com as dificuldades na balança comercial e a sustentação da moratória, foi francamente otimista. Ele disse que, ao sair do Governo, o País contava com US\$ 3,4 bilhões de reservas, suficientes para garantir quatro meses de importações brasileiras.